

Como escrever para o "Recreio"

O nosso endereço é:
Recreio - Página Infantil do Jornal de Angola - Rua Rainha Ginga, 18/26 - Luanda, ou para o e-mail: ednovembro.dg@nexus.ao.



Recreio

SUPLEMENTO INFANTIL DO JORNAL DE ANGOLA

CONSELHOS

Meninos é importante saber que o futuro da Nação são vocês. Também é preciso saber que não há futuro se não houver pessoas formadas. Quer dizer que o futuro são todas as crianças de Angola, que devem estudar e ler muito para adquirirem conhecimentos científicos, sociais e culturais, não só do vosso país como do mundo inteiro, porque quem lê é culto. Quem lê tem visão e pensa grande. Quem não lê é escravo de quem lê. Se queres ser alguém amanhã é necessário preparares-te hoje, e isso começa por estudares e leres muito.

PROVÉRBIO

★As lágrimas que descem pelo teu rosto não tiram a tua visão.

Cartas dos Amiguinhos

Cacimbo convida ao desporto

Eu gosto muito do tempo do Cacimbo. Não temos problemas de inundações, as estradas não ficam intransitáveis e o tempo permite fazer desporto. Eu gosto muito de correr com os meus amigos quando vamos para a escola. E aos sábados e domingos jogamos futebol horas sem parar. O tempo fresco convida a fazer desporto. E na nossa escola nova temos um campo multiusos onde até podemos jogar basquetebol que é o desporto que eu mais aprecio. O meu clube é a Seleção Nacional, que já ganhou dez vezes o campeonato africano. E agora vai à Costa do Marfim tentar ganhar mais um campeonato. Mas se não ganhar, paciência, já tivemos muitas alegrias e os nossos jogadores são os melhores do mundo. O nosso professor disse que durante o Cacimbo é bom fazer desporto, mas devemos ter cuidado porque podemos apanhar doenças respiratórias e gripes. Quando acabamos de fazer desporto devemos tomar banho e depois vestir uma roupa quente para não ficarmos doentes. Os desportistas gostam do Cacimbo porque correm melhor e até apetece jogar de manhã à noite.

QUITÉRIA AMBRÓSIO | 12 ANOS | INGOMBOTA

BRINCAR E APRENDER

ADIVINHAS

1. Tu andaste, eu andei, tu correste, eu corri, tu comeste e bebeste; e eu não comi nem bebi, e vou dar conta de ti.
2. Verde nasceu, deita sangue sem ter dor, faz três mudanças no ano sem nenhuma ser de amor.
3. Reluz como prata e prata não é, fossa como porco mas tem só um pé?
4. Minha boca é grande, Cabem lá navios, Eu ando no mar, Não caibo nos rios.
5. Que é que no monte se cria e vem para a vila dar senhoria?

Soluções: 1. Alma; 2. Amora; 3. Arado; 4. Baleia; 5. Bengala

SABIAS QUE...



Os crustáceos são artrópodes que possuem três ou mais pares de pernas e têm o corpo recoberto por uma capa dura. No entanto, diferem uns dos outros pelo número de antenas, dois pares, e pela respiração. Em geral respiram por brânquias (nome do aparelho respiratório de animais aquáticos) localizadas nas patas. O sangue é movimentado na cavidade central do corpo por um coração rudimentar, o seu sistema nervoso central é dividido em sensorial e motor, sendo os órgãos controlados por um sistema nervoso involuntário.

VAMOS COLORIR



CONTOS POPULARES ANGOLANOS

A última palavra de Muanga arruinou os inimigos

SEKEIA BINDO |

Muanga tinha o poder da Lua sobre as colinas do Bailundo e o calor do Sol que rachava rochedos nas montanhas. Era um homem pacífico e trabalhador, mas escolheu ser solitário. A sua família era o mundo, as plantas dos vales e das montanhas, os animais dos matagais. E sentia-se tudo: árvore e trepadeira, pássaro cantor e rio, alongo à solta nos vales verdejantes. E também era a palavra que amava ou arruinava.

Quando o criticavam na aldeia por não constituir família, ele apontava para o céu e a terra, para cada rosto iluminado pelos raios de sol ou as chamas da fogueira e dizia:

- A minha família está aqui e além, até onde alcança a minha vista e à distância do fim do mundo.

Se lhe diziam palavras ásperas, ofensivas, ele respondia com um sorriso de bonomia:

- Que o vosso falar seja pacífico, temperado com sal! *Upopi wene ukale l'ombembwa, usingive l'omongwa!*

As suas palavras encerravam o enigma dos ausentes mas também a doçura dos corações que amam.

Muanga era incompreendido. Al-

guns insinuavam que o viram dançar em cima das águas do rio. Ou viram o seu vulto trepar ao alto das árvores, alta madrugada, para conviver com as almas penadas.

O mais velho dos velhos insinuou que Muanga vivia só porque tinha apoios poderosos:

- *Okassi l'esinde lyae kandi l'ova-*

va! Quem tem o seu pedaço de terra não vai por água abaixo. Quem tem bom padrinho não morre escravo. Na sua sabedoria, Muanga continuava a trilhar o caminho da bondade e dava amizade a todos. Quando uma cabra tinha um parto difícil, ele ajudava o vizinho. Se as colheitas eram abundantes, ele ajudava a colher sem olhar

a quem. Estava sempre disponível porque o seu compromisso era com todos. Toda a aldeia era a sua família.

Apesar da sua bondade, os vizinhos faltavam-lhe ao respeito falando e murmurando sobre a sua vida, mas pelas costas. Alguns fechavam a porta quando ele passava. Nunca recebeu nada de ninguém, apesar de dar tudo.

Um dia cansou-se de tanta hostilidade e procurou um recanto na curva do rio, onde as plantações cresciam depressa e os frutos se multiplicavam. Ergueu ali a sua cubata e evitava ir à aldeia. A sua solidão um dia foi perturbada. A chuva nesse ano era tanta que alagou as lavras e apodrecou as plantas. Não havia comida e um bago de milho passou a valer mais do que a vida. Muanga tinha construído o seu celeiro no alto de uma colina e como era um homem só, tinha muito milho para o pirão. Com as ratoeiras apanhava peixe e a fome nunca chegou ao seu recanto.

As mulheres da aldeia andavam à procura de comida para dar aos filhos e subitamente encontraram o celeiro de Muanga. Encheram as quindas com espigas de milho e soltaram cânticos de agradecimento a quem lhes pôs na mesa aqueles manjares.

- Esse é o meu milho, fruto do meu trabalho. Como não tenho filhos eu dou-vos as espigas. Mas não agradeçam a nenhum deus. É a mim que têm de agradecer!

Ouvidas estas palavras, as mulheres soltaram uma grande gritaria. Os homens da aldeia ouviram os gritos e acorreram à colina onde Muanga tinha o seu celeiro. O eremita olhou todos de frente, com dignidade, e disse: - Este milho que levais é meu e foi plantado, cultivado e colhido com o meu suor. Não é uma oferta dos deuses. Mas podeis levá-lo para matar a fome aos vossos filhos.

Estas palavras foram ditas com tal rispidez que tiveram o efeito de pedras lançadas ao rosto dos que lhe roubaram o celeiro. Fez-se um breve silêncio mas de seguida, da multidão saiu um clamor:

- Maldito sejas, homem daninho! Muanga morreu amaldiçoado e odiado por todos. Mwanga wafa wasingaliwa, wasuvukua l'omanu vosi.

Mas antes de soltar o último suspiro ele também amaldiçoou os ladrões do seu suor. E os que foram amaldiçoados por ele, arruinaram-se para todo o sempre: *ava vasingaliwa l'ahevañoleha!*

CASIMIRO PEDRO

